

# MICROSCÓPIO

RAUL PILA

Com Francisco Miranda, há dias sepultado nesta capital, talvez haja desaparecido um dos derradeiros propagandistas da República. Derradeiro, e um dos primeiros pela sinceridade, pela coerência e pelo caráter.

O mais grave mal da República foi, como disse uma vez Silveira Martins, terem os republicanos pouco republicanismo na alma. Desta siva, porém, estava livre Francisco Miranda; por isto, instaurado o novo regime, ficou êle à margem da República que ajudara a fundar. Sentia-estranho nela.

Natural de S. Borja, no Rio Grande do Sul, fez parte da Câmara Municipal que votou a histórica moção contrária ao terceiro reinado. Proclamada a República, foi dos que, como Assis Brasil, Demétrio Ribeiro, Barros Cassal, Antônio de Faria e tantos outros; no seu Estado, logo perceberam que lhes estavam a desvirtuar os ideais, e alistou-se na esvástica opposição riograndense, que por decênios lutou contra uma férrea ditadura.

No jornalismo encontrou Francisco Miranda a válvula, por onde vasar a amargura do seu coração de patriota. Sob o pseudônimo de Lídio de Cascais Manhães, publicou durante muitos anos, no "Correio do Povo", admiráveis crônicas, em que a ironia nunca chegava ao sarcasmo, mas se exvurmavam, com delicada mão, as chagas da nossa vida pública.

Presidencialista, a princípio, como todos os propagandistas, que na mesma erecção confundiam a monarquia e o sistema parlamentar, converteu-se mais tarde ao parlamentarismo, o que bastaria para atestar a sinceridade de seus sentimentos democráticos.

Morreu pobre, como pobre viveu. Não é este o menor dos elogios que a um repúblico se pode fazer nesta República.